DOI 10.20396/cemarx.v18i00.20002

Lenin: uma introdução

MORAES, João Quartim de. *Lenin: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2024.

Pedro Henrique Soares Somini[1]

Em *Lenin: uma introdução*, João Quartim de Moraes explora de forma sintética e ágil a trajetória do líder bolchevique desde os seus anos de formação até os seus últimos momentos em frente da direção de uma recém fundada União Soviética — encerrados em decorrência de uma sucessão de derrames que o levariam à morte em 1924. Com este livro, Moraes não aparenta propor uma revisão aprofundada das principais teses e teorias do marxista russo, mas sim em utilizar de sua biografia para oferecer ao leitor uma compreensão da progressão de acontecimentos que desencadearam na Revolução de Outubro em diálogo com os seus escritos.

Na apresentação do livro, Moraes destaca a capacidade de comunicação de Vladimir Ilitch Ulianov como algo presente desde o seu início na atividade militante, antes mesmo de adotar o pseudônimo que o faria historicamente conhecido. Segundo o autor, esta habilidade não provinha de um "dom", mas como fruto de um processo de trabalho de diálogo e discussão com os trabalhadores. O alinhamento entre a teoria e a prática é um aspecto fundamental em sua formação intelectual e militante, que como apontado por Moraes, ao ensinar a teoria aos operários no período em que estava deportado na Sibéria em 1895, Lenin aprendeu junto com eles os métodos de propaganda da luta de classes. Além da comunicação, também se destacava o seu rigor teórico, apoiado na crítica marxista da economia burguesa, nas

[1] Mestrando em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na linha de Teoria e Pensamento Político, com bolsa de pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: pedrohsomini@gmail.com

lições do movimento operário e socialista europeu e na construção de um partido revolucionário adequado às condições materiais da Rússia daquele período — para Moraes, a capacidade de sintetizar os conceitos e as informações proporcionadas por essas fontes básicas explica o impacto de seus escritos

No primeiro capítulo, intitulado *Anos de Formação*, o autor se debruça em relatar a juventude de Lenin, seus primeiros anos enquanto militante revolucionário, e em contextualizar a Rússia do final do XIX e começo do XX. Para além dos dados referentes ao seu nascimento ou a ocupação de seus pais, identifica-se no assassinato de seu irmão mais velho, Alexsander Ulianov, condenado à forca em 1887 por ter planejado um atentado contra o czar Alexandre III, como o "acontecimento fundador" que orientaria o processo de transformação do jovem Vladimir Ilitch em Vladimir Lenin. Moraes chama a atenção, inclusive, para o fato de que tamanha tragédia não interferiu na crítica de Lenin ao uso de terrorismo individual para fins políticos, como escreve em *O Que Fazer?*.

Após uma formação universitária agitada, que incluiu ser expulso da universidade após organizar uma manifestação, Lenin mudou-se para a cidade de Samara, onde empregou-se em um escritório de advocacia em 1892 e passou a frequentar o círculo de discussão de Alexei Skiliarenko. Moraes aponta que ao se identificar com o marxismo, Lenin se filiava a uma nova geração de revolucionários que expressavam a mudança de pensamento social e político da esquerda russa, colocando-se em contraste com a geração anterior, predominada pelos populistas (*narodnkis*) — adeptos de um socialismo agrário baseado nas comunas camponesas e na não necessidade de uma etapa capitalista para se atingir o socialismo. Curiosamente, a primeira organização marxista russa, a Emancipação do Trabalho (Osvobojdénie Truda), foi formada por dirigentes populistas, como Gueórgui Plékhanov, Vera Zasulitch e Pavel Axelrod, tornando-se a primeira geração de marxistas russos, em 1883. Segundo Moraes, aderir ao marxismo implicava considerar a classe operária a principal força transformadora da sociedade.

Entretanto, se Plékhanov sustentava que os operários seriam a força motriz pelo socialismo, e não os camponeses, Zasulitch defendia a tese de que a comuna rural (*Mir*) poderia desempenhar papel fundamental na transformação da Rússia, expressando uma influência populista que se manteria presente no marxismo russo.

Após um período em Samara, Lenin mudou-se para Petrogrado, onde conheceu Nadiéjda Krúpskaia, que seria a sua companheira de militância e de vida, e deste período datam seus primeiros escritos, com destaque para *Quem são os "amigos do povo"* — que consiste em uma defesa do marxismo contra as críticas populistas, em especial do teórico populista Mikhailovski. Com o crescimento do marxismo na década de 1890, o cerco do czarismo em relação a circulação das ideias marxistas intensificara, levando os círculos marxistas a serem alvos de infiltração da polícia do czar. Tal ocorrência expressava uma debilidade da política de círculos, que na visão de Lenin deveriam ser unificados e superados, indo em direção a uma política de partidos. Assim, o círculo de Lenin uniu-se a outros dois, que juntos formaram em 1895 a União de Luta pela Classe Operária. Moraes relata neste momento uma sucessão de encarceramentos pelos quais Lenin passaria, incluindo um período de três anos de reclusão na Sibéria, tendo de observar de longe a fundação do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) em março de 1897. Apesar de solto em janeiro de 1900, ao constatar que o órgão político central do POSDR só poderia funcionar com regularidade se fosse tocado no exterior, decidiu exilar-se na Alemanha por um período de cinco anos.

Moraes abre o segundo capítulo, *A construção do partido revolucionário*, contextualizando as reformas promovidas pelo czar Alexandre II em 1861, que por meio da abolição da servidão buscava promover uma modernização conservadora da sociedade russa. Entretanto, as medidas do czar eram vistas como uma substituição da coerção feudal pela econômica, visto que os até então servos transformaram-se em mera mão de obra barata, levando à uma piora de suas condições materiais de existência. Tal situação provocou ira

dos populistas, que culpavam os avanços do capitalismo no campo por sua miséria. Lenin, embora concordasse com os populistas acerca da precarização da vida no campo consequente da mercantilização da economia camponesa, se colocava em oposição ao socialismo agrário dos populistas e a sua crença de transição socialista incólume ao capitalismo. Em seu exílio na Sibéria escreveu *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (1899), em que apoiado nos dados estatísticos disponíveis, estudou o contraditório avanço da produção industrial e das relações capitalistas no Império Russo.

Instalado em Munique ao lado de Krupskáia, ocupou-se de editar o periódico *Iskra* (Centelho), encarregado de propagar as ideias revolucionárias por toda a Rússia. Foi no *Iskra* que publicou o artigo *Por onde começar?*, cujas ideias seriam o esboço dos temas centrais de *O que fazer?*, publicado em 1902. Lenin tece duras críticas ao terrorismo e ao economicismo, que apesar de consistirem em táticas diferentes, compartilhavam a confiança na iniciativa das massas. Entretanto, o futuro líder bolchevique não minimizava a importância dessa iniciativa, defendendo que o papel de uma vanguarda revolucionária é o de justamente assumir a sua responsabilidade. Outro tópico essencial indicado por Moraes ao se ler O que *fazer?* é em relação a criação de um jornal político capaz de organizar e unificar os militantes social-democratas russos. Nesse sentido, o autor alerta para a necessidade de se considerar o papel da imprensa no começo do século XX, sendo a única mídia social a distância em um período em que os aparelhos de rádio ainda estavam longe de serem desenvolvidos. Para Lenin, a distribuição de um jornal clandestino configura-se como um ato revolucionário, pois para a sua circulação exige-se uma organização centralizada, articulada por militantes profissionais capazes de atuar permanentemente.

Lenin preocupava-se com os critérios de admissão dos membros do partido, defendendo que este fosse formado somente por militantes profissionais, ao contrário de Martov, importante dirigente do POSDR e adepto da fórmula de um partido aberto. Foi por meio dessa

discordância que durante o II Congresso do POSDR ocorreu a cisão definitiva entre ambos, dividindo o partido entre a ala de Martov, conhecida como menchevique, e a ala de Lenin, os bolcheviques. Em um cenário de guerra entre a Rússia czarista e o império do Japão, as diferenças entre as duas correntes aumentariam com o afunilamento da luta de classes no território russo — entre 1905 a 1907, Moraes contabiliza 7.165 revoltas camponesas, fora as greves, como a realizada por 12,5 mil operários do complexo fabril Putilov em 1905, e a que se iniciou em Moscou e estendeu-se por todo o país em outubro do mesmo ano — em consequência, ambas correntes contavam com um crescimento notável, com mais de 70 mil membros em outubro de 1906.

No terceiro capítulo, *Os anos de reação à Grande Guerra*, Moraes detalha o aumento da repressão do czarismo após a nomeação de Piotr Stolypin a primeiro-ministro e o retorno da tática do terrorismo individual como reação a esta decisão. Destaca-se o episódio do assassinato de um dos líderes dos Centúrias Negras — milícia ultra-reacionária a serviço do czarismo — pela socialista-revolucionária Maria Spiridonova, designada por seu partido para a realização de tal tarefa. Na política agrária, Stolypin visava um projeto de "via prussiana" de modernização agrária, concedendo a uma parcela da massa camponesa a possibilidade de tornar-se pequeno proprietária e produzir para o mercado, o que despolarizaria o confronto entre os camponeses e latifundiários e traria paz para o campo. Todavia, o primeiro-ministro acabou assassinado em setembro de 1911 por um militante do Partido Socialista-Revolucionário, que se suspeitava na realidade estar associado à polícia secreta do czar — um aceno de Alexandre III c à insatisfação dos latifundiários russos com a sua política agrária.

Se a Internacional Socialista conseguiu diante a guerra russo-japonesa adotar as resoluções a favor da Paz durante o Congresso de Stuttgart em 1907, estes compromissos não conseguiram resistir ao advento da guerra que se deflagraria em 1914. Durante uma reunião de emergência da II Internacional em Bruxelas, os líderes da

social-democracia decidiram pelo "social-patriotismo" e aderiram ao orçamento bélico de seus respectivos países. Residindo naquele momento em Berna, Lenin redigiu *As tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia*, em que defende a caracterização da guerra como imperialista, condena os dois blocos de nações que a conduziam, e denuncia os chefes e partidos da Internacional Socialista como traidores. No documento constata-se as diretrizes da luta revolucionária perante aquele contexto, com a propagação no exército a favor da revolução socialista e do uso das armas não contra os trabalhadores de outras nações, mas sim contra a burguesia, governos e partidos reacionários de outros países.

No quarto capítulo, *Guerra e Revolução (1914-1917)*, Moraes relata as denúncias de Lenin ao que ele denomina como falência da II Internacional, o social-chauvinismo e o aburguesamento de uma parcela da classe operária que ele nomeia como "aristocracia operária". Ganha-se destaque a história por detrás da formulação do conceito de imperialismo desenvolvido, presente no escrito *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, de 1917, em que o líder bolchevique sustenta que os monopólios originados da concentração do processo produtivo configuram uma transformação do próprio modo capitalista de produção, cuja as principais características são o predomínio do capital bancário sobre o industrial, a primazia da exportação de capitais sobre as mercadorias, a divisão econômica do mundo entre os trustes e a divisão do planeta entre as grandes potências. Dentro das conclusões formuladas por Lenin e apontadas por Moraes, destaca-se a noção de que em tempos de imperialismo, a revolta dos povos coloniais tendia a se juntar ao combate revolucionário do proletariado, formulação presente em *O programa militar da revolução proletária*, de 1916.

O autor descreve alguns dos eventos que desencadearam na Revolução de Fevereiro em 1917, como a greve das operárias da indústria têxtil por melhores condições de vida e de trabalho — a data dessa manifestação, 8 de março (23 de fevereiro no calendário juliano)

passou a ser instituído como Dia Internacional da Mulher. A Revolução de Fevereiro levou à derrubada do czarismo e a transferência do poder para um Governo Provisório, rechaçado por Lenin em suas *Teses de Abril*, texto em que realiza uma defesa inflamada pela revolução socialista e acusa os interesses do novo governo de serem antagônicos às reivindicações por paz e terra, que somente seriam atendidos por meio de sua derrubada a com a transferência de seu poder para os sovietes. Lenin passou a percorrer quarteis e fábricas para expor as suas teses, conquistando apoio e aumentando a influência bolchevique. Em retaliação, Alexander Kerensky, chefe do Governo Provisório, mandou prender alguns dos principais chefes bolcheviques, como León Trotsky e Alexandra Kollontai, enquanto Lenin conseguiu escapar, refugiando-se no subúrbio de Petrogrado. Após uma tentativa fracassada de golpe de Estado deferido pelo general Lavr Kornilov, o governo viu-se enfraquecido e desprovido de autoridade, permitindo a reunião das condições materiais necessárias que caracterizariam uma situação revolucionária. Assim, em 24 de outubro, após aprovação pela maioria do Comitê Central, milhares de guardas vermelhos e de soldados revolucionários ocuparam postos-chave na capital. Lenin, junto ao Comitê Militar Revolucionário, redigiu um comunicado aos cidadãos de toda a Rússia, anunciando a destituição do governo provisório e a tomada do poder do Estado pelos sovietes.

No quinto e último capítulo, *As últimas cruzadas de Lenin*, Moraes descreve os acontecimentos que se sobressaíram posteriormente à Revolução de Outubro e nos últimos anos de vida de seu principal líder, iniciando pela cruzada anti-bolchevique liderada pelo almirante Alexandr Kolchak e o general Anton Denikin, descritos por Lenin como "únicos inimigos sérios da República dos Sovietes". Apoiados pelo imperialismo britânico e francês, ambos comandaram levantes contrarrevolucionários que integraram o período denominado de Guerra Civil Russa, que perdurou até o ano de 1923. Outro elemento chave do período foi a implementação da Nova Economia Política (NEP), descrito por Moraes como um projeto de estímulo à produção

agrícola e industrial que estabelecia a liberdade de comércio no campo, autorizava o capitalismo privado nas pequenas indústrias e englobava a grande indústria em um sistema de capitalismo de Estado, admitindo concessões de áreas de investimento a capitais estrangeiros. A NEP foi projetada por Lenin como uma forma de estimular o desenvolvimento das forças produtivas, visto que a Rússia se encontrava arruinada pela guerra e a sua produção industrial era insuficiente para ser trocada pelo excedente agrícola necessário à subsistência dos militares e dos operários. Para Lenin, a NEP era um passo importante de transição para o socialismo em um país de economia essencialmente agrária, pois ao subordinar os setores capitalistas à construção do socialismo, permitiu preservar o apoio dos camponeses à ditadura do proletariado.

Por fim, Moraes termina o seu livro com um breve balanço do movimento comunista internacional, com destaque para o empenho de Lenin na construção da Internacional Comunista (Comintern) em 1919, sustentado por um otimismo de que a partir de uma Alemanha derrotada pela guerra, a revolução socialista logo se estenderia por toda a Europa. O autor menciona o relatório de abertura ao II Congresso da Internacional Comunista, em que opõe ao bloco de Estados imperialistas vencedores da guerra de 1914-1918 a duas categorias de vencidos: os derrotados na guerra e os povos secularmente submetidos ao colonialismo. Lenin imprimia ao marxismo a luta dos povos oprimidos da periferia colonial, distinguindo os povos oprimidos dos povos opressores. No II Congresso é onde foi distribuído aos delegados o escrito *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, de 1920 — em que Lenin combate o sectarismo daqueles que em nome de uma suposta pureza ideológica se recusavam a participar dos sindicatos e do parlamento. Posteriormente, As intervenções e os escritos do dirigente bolchevique foram tornando-se esporádicos concomitantemente aos ataques cardiovasculares que o acometiam, até que veio a falecer em 21 de janeiro de 1924, deixando como legado a possibilidade de uma alternativa de mundo que era bastante aspirada, mas nunca havia se concretizado, até então.

Como indicado pelo subtítulo, o livro de João Quartim de Moraes é uma ótima introdução para aqueles que desejam se iniciar ou rememorar os principais pontos que constituem a história intelectual e de vida de Vladimir Lenin e da Revolução Russa, oferecendo um sucinto panorama de um dos principais capítulos da história do século XX e um de seus personagens fundamentais.